

O DESPERTAR DE UMA NAÇÃO

Em meados do século 18, houve um avivamento religioso nos Estados Unidos que recebeu o nome de Grande Despertar. O Grande Despertar foi a contrapartida norte--americana dos movimentos religiosos que ocorriam por toda a Europa, semelhante ao movimento pietista na Alemanha e ao metodismo na Inglaterra, por conta do declínio da moralidade e indiferença do Cristianismo Protestante que corrompia a essência de sua fé.¹

O Grande Despertar ultrapassou todas as fronteiras denominacionais, mantendo sua ênfase na conversão, experiência pessoal, leitura particular da Escritura e uma tendência à adoração entusiasta². Como resultado dele, entre 30 e 40 mil pessoas e 150 novas igrejas foram acrescentadas somente na Nova Inglaterra, numa população de 300 mil habitantes, com um fortalecimento moral nos lares, no trabalho e no lazer³.

Além dos efeitos espirituais a vida dos colonos, cogita-se também grande importância social e política do Grande Despertar, seja ajudando as Treze Colônias a perceber sua unidade, cultura e valores comuns e preparando-as para as questões em conflitos que viram a partir da segunda metade do século 18⁴, seja estabelecendo uma conexão intelectual e filosófica entre Europa e América, como veículo de protesto da classe baixa, primeiro movimento intercolonial⁵ e o caminho para a Revolução Americana.

1 CAIRNS, Earle E. O cristianismo através dos Séculos: uma história da Igreja Cristã, São Paulo: Vida Nova, 2008, 358; LABAREE, Leonard W. "The Conservative Attitude Toward the Great Awakening" In: The William and Mary Quarterly, Third Series, v. 1, n. 4 (outubro de, 1944), 333.

2 GONZALEZ, Justo L. Uma história do pensamento cristão - volume 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, 319-320.

3 CAIRNS, O cristianismo através dos Séculos, 358.

4 Ibid., 359.

5 BUTLER, Jon. "Enthusiasm Described and Decried: The Great Awakening as Interpretative Fiction" In: The Journal of American History, v. 69, n. 2 (setembro de 1982), 305.

A influência do Grande Despertar sobre a Revolução Americana traduz sua importância na formação da nação. Para compreender a real influência do Grande Despertar na formação dos Estados Unidos da América, por intermédio da Revolução Americana, é preciso analisar suas características sociais, se foi um movimento exclusivo da classe baixa ou não e se sua amplitude foi limitada a um movimento local de algumas colônias ou intercolonial. Também é preciso identificar seus personagens principais, ideologias e estruturas institucionais que teriam atuado no meio político e econômico da nação prestes a nascer.

1. LUZES NOVAS E LUZES VELHAS

O Grande Despertar tem seus primeiros indícios a partir dos relatos do ministro puritano Jonathan Edwards sobre o avivamento em Northampton, Massachusetts. Em 1732, Edwards notou mudanças no caráter das pessoas, que passaram a dedicar maior atenção aos assuntos e exercícios religiosos, especialmente entre os jovens. A partir de 1734, o avivamento em Northampton se iniciou de fato e prosseguiu por dois anos, espalhando-se por, pelo menos, vinte cidades seguindo o curso do rio Connecticut.⁶ Edwin S. Gaustad comenta que esses avivamentos eram um fenômeno fronteiro que cresceu sob a influência de Edwards e das conversões surpreendentes de Northampton, encontradas em seus relatos. Porém o Grande Despertar em si não foi um avivamento fronteiro como os do curso do rio Connecticut, que foram apenas avivamentos prévios, uma fase inicial que aconteceria também no litoral. Nesses avivamentos fronteiros não houve divisões de igrejas, clero ofendido, pregadores itinerantes ou necessidade de apologética dos eventos, características do Grande Despertar.⁷

Em 14 de setembro de 1740, George Whitefield, um jovem pregador anglicano que atuou paralelamente a John Wesley no movimento metodista na Inglaterra⁸, desembarcou em Newport e, a partir daí, o Grande Despertar se iniciou de fato, pois aonde Whitefield ia, levava o avivamento, ao passo que “de Stamford, Connecticut, à York, Maine; de Danbury à Northfield (...) houve um despertar grande e geral”⁹. Whitefield viajou como pregador itinerante pelas colônias; tinha um modo diferente do comum na época de anunciar a Palavra – expressava-se de maneira entusiasta, sem se prender a textos escritos previamente, apelando à emoção das pessoas, por meio da doutrina calvinista para a salvação.

Muitos outros pregadores surgiram e seguiram o estilo de pregação de Whitefield, enquanto outros aderiram ao estilo apenas em parte, como Jonathan Edwards, difundindo esse método

6 ROSSEL, Robert D. “The Great Awakening: An Historical Analysis” In: The American Journal of Sociology, The University of Chicago Press, v. 75, n. 6 (maio de 1970), 909-910.

7 GAUSTAD, Edwin S. “Society and the Great Awakening in New England”, The William and Mary Quarterly, Omohundro Institute of Early American History and Culture, v. 11, n. 4 (outubro de 1954), 567-568.

8 GONZALEZ, Uma história do pensamento cristão, 319.

9 GAUSTAD, “Society and the Great Awakening in New England”, 569.

que caracteriza o Grande Despertar. Porém houve oposição a esse método e aos avivamentos incitados por ele, dividindo o Grande Despertar entre Luzes Novas ou Lado Novo, que apoiava o avivamento, e Luzes Velhas ou Lado Velho, contra o avivamento, cujo principal representante era o congregacionalista Charles Chauncy. Na Nova Inglaterra, a proporção entre Luzes Novas e Luzes Velhas era de três para um.¹⁰

Entretanto a divisão não era tão simples. Os Luzes Novas, incentivados pela pregação entusiasta e as rígidas exigências de prova de conversão do calvinismo, questionaram a salvação de suas próprias congregações e exigiram de seus ministros esse novo tipo de pregação. Para eles, a verdadeira conversão deixava marcas claras que, conforme listado por Whitefield, consistia em um espírito de oração e súplica, não pecar, vitória sobre o Mundo (em oposição às coisas de Deus), amar uns aos outros e amar os inimigos.¹¹ Também denunciavam a tirania de alguns ministros e exigiam maior democratização do governo das igrejas, com a participação de leigos que, uma vez insatisfeitos, dividiam as igrejas.¹² Os Luzes Velhas mantinham uma postura conservadora e discordavam dos métodos dos Luzes Novas por conta do desacato às Escrituras com pregações espontâneas, ignorando ou minimizando os fundamentos da fé cristã com ênfase nas emoções; do desrespeito dos pregadores itinerantes às autoridades pastorais locais ao acusar ministros e congregações e incentivar a pregação de leigos; das distrações aos deveres seculares (trabalho, família); e da ruptura com a unidade das igrejas e com a disciplina eclesiástica.¹³

2. A QUESTÃO DA AUTORIDADE

Um tema de grande atenção dos Luzes Novas foi a ordem de governo eclesiástico, causa de diversas cisões em igrejas no século 18. Os Separatistas de Connecticut compartilhavam com os demais o desejo de uma religião mais entusiasta, mas seu maior desafio era relativo à Plataforma de Saybrook, de 1708, na qual a autoridade de decisão nas congregações se restringia aos ministros e clérigos, por meio de sínodos ministeriais e associações.¹⁴

James Cooper Jr. aponta que esse não era o padrão de todos os separatistas. Em Massachusetts, as tentativas de impor autoridade eclesiástica falharam, pois tanto o governo civil como a vasta maioria das igrejas eram adeptos da Plataforma de Cambridge, modelo que compartilhava o poder de

¹⁰ Ibid., 573

¹¹ LAMBERT, Frank, "The Great Awakening as Artifact: George Whitefield and the Construction of Intercolonial Revival, 1739-1745", *Church History*, v. 60, n. 2 (junho de 1991), 227.

¹² COOPER JR, James F., "Enthusiasts or Democrats? Separatism, Church Government, and the Great Awakening in Massachusetts" *The New England Quarterly*, v. 65, n. 2 (junho de 1992), 269-270.

¹³ LABAREE, "The Conservative Attitude Toward the Great Awakening", 335-337.

¹⁴ COOPER JR., "Enthusiasts or Democrats?", 267.

decisão entre os ministros e os leigos na congregação¹⁵. Houve reclamações de abuso ministerial, mas essa era apenas uma de várias outras razões para criar uma nova igreja Separatista, uma razão secundária. Para eles, questões teológicas eram mais importantes do que a democratização e participação de leigos no governo eclesiástico,¹⁶ elaborando suas justificativas de separação com argumentos teológicos e doutrinários. Protestavam contra a impureza de suas igrejas e desejavam que suas congregações e ministros aderissem ao avivamento e método entusiasta.

Muitos historiadores consideram a posição dos Luzes Novas e Separatistas como precursora da democracia por intermédio do desejo de participação de leigos no governo eclesiástico, porém Jon Butler discorda ao dizer que os avivamentos democratizaram as relações entre leigos e ministros em aspectos mínimos e que mesmo os Luzes Novas mantiveram distinções claras entre estes dois lados, como Edwards, Tennent e até mesmo os pregadores itinerantes, que normalmente traziam consigo a proteção de alguma denominação por sua ordenação.¹⁷ Cooper Jr. concorda com Butler dizendo que distante de serem os revolucionários democratas nascentes que os historiadores descrevem, os Separatistas foram religiosos entusiastas e radicais que desafiaram a “ordem”, pois ela impedia o caminho para a satisfação e contentamento espiritual.¹⁸

Mesmo que o movimento dos Separatistas não tenha incentivado a democracia propriamente dita, sua ênfase na experiência pessoal reflete uma grande mudança cultural com o crescimento do individualismo. Vindos de igrejas onde, por décadas, se tornavam cada vez mais relutantes ao governo de seus ministros, os Separatistas levaram a mesma atitude para suas novas igrejas, onde os ministros autoproclamados exerciam muito pouco poder para manter a estabilidade e harmonia na nova congregação, onde os membros se recusavam a obedecer à sua autoridade e a serem disciplinados por eles.¹⁹

“Enquanto o individualismo e a ênfase na liberdade de consciência sem dúvida acelerou o declínio do respeito à autoridade,” diz Cooper Jr., “o processo começou décadas antes do avivamento.”²⁰ Ele questiona se o Grande Despertar e o movimento dos Separatistas foi de fato uma virada na concepção popular de autoridade, uma vez que tal processo se desenrola desde o início do século 18. Butler, por sua vez, comenta que mesmo que os avivamentos tenham intensificado tal questão, nenhum historiador demonstrou sistematicamente como isso aconteceu.²¹

15 Ibid.

16 Ibid., 271.

17 BUTLER, “Enthusiasm Described and Decried”, 314-315.

18 COOPER JR., “Enthusiasts or Democrats?”, 283.

19 Ibid., 280-281.

20 Ibid., 282.

21 BUTLER, “Enthusiasm Described and Decried”, 316.

3. UM DESPERTAR GRANDE E GERAL

Jonathan Edwards em seu livro “Faithful Narratives” (Narrativas Fiéis), de 1757, fala, no relato do avivamento em Northampton, de um “despertar grande e geral”. Gausted também afirma que “independentemente se a população era densa ou esparsa, se o modo de vida era primitivo ou moderadamente luxuoso, se a classe era alta ou baixa, se a época era de economia agrária ou mercantil, o avivamento estava lá”.²² Se o Grande Despertar foi tão abrangente como diz Edwards, Gausted e outros historiadores, as ideias crescentes e a própria moralidade cristã, que Edwards notou em sua cidade durante o avivamento de 1734-1735, alcançariam quase todo o território das Treze Colônias, inspirando uma unidade de cultura e valores fundamental para a consolidação da nova nação.

Durante o Grande Despertar, números muito grandes de pessoas se reuniam para ouvir as pregações de itinerantes entusiastas. Whitefield reunia milhares em suas pregações e, mesmo com plateias menores, outros pregadores foram tão efetivos para o avivamento espiritual pessoal quanto ele. É imaginável a grande presença de pessoas de classe baixa nessas reuniões, especialmente diante de pregadores como James Davenport, o mais radical dos itinerantes entusiastas, criticado inclusive por seus companheiros por reconhecer nele um potencial para o descrédito de todo o movimento. Após sua primeira pregação, por exemplo, Davenport retornou do meio do povo com uma grande multidão aos seus pés. Apesar disso, ele não pregava para classes ou grupos, nem representa todo o Grande Despertar.²³

Alguns relatos indicam que o Grande Despertar não foi um evento exclusivo da classe baixa. Uma carta do ministro Benjamin Colman, de Boston, para Whitefield diz que após a visita de Gilbert Tennent, um dos mais importantes pregadores itinerantes do Grande Despertar, grandes adições foram feitas à igreja local, sendo muitas delas pessoas “ricas e educadas”, o que demonstra que também havia participação da classe alta. Ainda sobre Boston, Whitefield em sua primeira visita foi conduzido à cidade por cavalheiros e jantou na casa do governador. Além disso, três dos quatro jornais de Boston eram a favor do Grande Despertar²⁴, o que demonstra a participação da classe alta nos eventos do Grande Despertar.

Contrariamente, John C. Miller argumenta que os avivamentos foram, em grande parte, protestos da classe baixa contra as elites dominantes das cidades e que teriam complicado a vida dos políticos locais ao introduzir novas fontes em potencial para conflitos reais nas cidades, especial-

²² ROSSEL, “The Great Awakening”, 912.

²³ GAUSTAD, “Society and the Great Awakening in New England”, 569-570

²⁴ Ibid., 571-572.

mente com a multiplicação das questões congregacionais decorrente das divisões e separações, portanto mais congregações. Butler alerta que tais tumultos não podem ser confundidos com democracia e Gary B. Nash nota que a relação entre o avivamento e os protestos da classe baixa é especialmente forte em Boston, porém aponta que na cidade de Nova York, logo após a partida de Whitefield e Tennent, o avivamento não sustentou os tumultos políticos populares da década de 1740 e que na Filadélfia o avivamento sequer produziu um levantamento político popular, pelo contrário, a religião entusiasta serviu como uma força de estabilidade social. Infelizmente, a falta de documentos e relatos do período, tanto para questões políticas como para congregações do avivamento torna impossível descrever a composição social precisa dos grupos atuantes no Grande Despertar.²⁵

Frank Lambert afirma que George Whitefield foi o responsável por tornar o Grande Despertar um movimento intercolonial ao conectar os avivamentos locais, criando assim um evento nacional antes mesmo da existência da nação. Por meio de suas palavras proferidas e publicadas pela imprensa, Whitefield elevou os avivamentos de seus laços denominacionais para uma “esfera pública religiosa”, na qual, tanto os apoiadores como os opositores do Grande Despertar, discutiam diante de uma audiência letrada, racional e independente.²⁶ Principalmente, por meio dos jornais, Whitefield preparava os ouvintes para sua chegada, publicando o itinerário em uma estratégia de “publicar e pregar” que encheu as colônias com seus sermões, cartas e relatos.²⁷ Pela imprensa, ele publicava relatos de sucesso do avivamento, testemunhos de experiências individuais de transformação de vida, assim como seu próprio testemunho e chamado divino para pregar, estabelecendo uma relação entre o pregador e sua mensagem. Ele também usou a imprensa para criticar seus oponentes, especialmente os anglicanos, e defender seu ministério como uma obra de Deus. A imprensa serviu para que Whitefield superasse as dimensões temporal e espacial de sua missão.²⁸ Os relatos de seus sucessos lhe garantiram a devida fama, chamando a atenção de outros ministros, como Edwards, e estabelecendo contato com eles pela “rede evangélica transatlântica” de informações sobre o avivamento, não só das Treze Colônias como da Europa, uma comunidade evangélica pela qual ele informava o progresso do avivamento mesmo quando ausente das colônias.²⁹

Com a imprensa em expansão, a cobertura do avivamento intercolonial era interessante para os editores, tanto por convicções pessoais como por razões financeiras. Benjamin Franklin, por exemplo, tinha claro interesse financeiro com a Gazeta de Boston, um dos principais jornais que

25 BUTLER, “Enthusiasm Described and Decried”, 316-318.

26 LAMBERT, “The Great Awakening as Artifact”, 223.

27 Ibid., 224.

28 Ibid., 234

29 Ibid., 239.

informava sobre o tema, uma vez que as publicações religiosas constituíram cerca de 80% de tudo o que era divulgado entre 1740 a 1745, sendo quase metade relativa ao avivamento.³⁰ Assim, publicava-se tanto a favor como contra o Grande Despertar, permitindo que os leitores formassem suas próprias opiniões a respeito do avivamento em andamento.

Lambert também destaca a importância de outros personagens como Benjamin Colman por sua iniciativa de publicar com base em uma carta do reverendo William Williams, pastor de Hatfield em 1735, relatos sobre o avivamento que se dava em Northampton e se espalhava pela região.³¹ A partir daí, iniciou-se uma série de eventos, dos quais Colman foi o mediador, que resultou na edição do famoso livro “Faithful Narrative”, já mencionado, de Jonathan Edwards em 1757, por meio de uma cooperativa de Colman e Edwards. Isso fez do avivamento em Northampton o maior promotor dos avivamentos no mundo atlântico, servindo de exemplo e incentivando novas publicações semelhantes à de Edwards, nas quais eram apresentadas experiências de conversão. Formou-se um padrão que apresentava os avivamentos locais como manifestações similares de um fenômeno maior³², que seria o Grande Despertar.

Ainda assim, Butler contesta a ação dos líderes do Grande Despertar ao dizer que historiadores superestimam a importância deles. Para ele, a principal importância dos líderes era servir de modelo aos ministros que desejavam promover seus próprios avivamentos religiosos. Tanto Whitefield como Edwards teriam falhado em organizar e acompanhar os ministros e movimentos de avivamento que inspiraram.³³

4. A FICÇÃO INTERPRETATIVA E OS IMPACTOS REAIS DO GRANDE DESPERTAR

A maioria dos documentos disponíveis e analisados pelos autores apresentados aqui dão embasamento para conclusões positivas sobre o Grande Despertar. Ele, de fato, foi um evento fundamental na propagação de ideais como a democracia, o individualismo e a unidade colonial por toda a sociedade norte-americana. Entretanto, Butler critica tal resolução por causa da formulação desses avivamentos como “Grande Despertar”, um rótulo que não foi utilizado pelos contemporâneos do evento e que só apareceria na segunda metade do século 19. Esse rótulo oculta injustamente as peculiaridades dos avivamentos ao distorcer a extensão, natureza e coesão dos eventos e intensificar seus efeitos na sociedade colonial do século 18, bem como suas influências

30 Ibid., 245.

31 LAMBERT, Frank. “The First Great Awakening: Whose Interpretative Fiction?” In: *The New England Quarterly*, v. 68, n. 4 (dezembro de 1995), 651-654

32 Ibid., 657

33 BUTLER, “Enthusiasm Described and Decried”, 311-312.

no que estava por vir, caracterizando a Revolução Americana.³⁴ Lambert concorda com a visão de Butler do Grande Despertar como uma “ficção interpretativa”, criada pela forte convicção dos participantes dos avivamentos de que estavam promovendo uma segunda Reforma Protestante, convicção que cresceu pela comunidade evangélica transatlântica, mas que para muitos expectadores de fora era só um produto da imaginação superestimada.³⁵

Considerando as interpretações do Grande Despertar supervalorizadas, Butler minimiza os efeitos dos avivamentos na religião colonial, dizendo que eles nunca foram radicais como são considerados, mas sim conservadores. Ao mesmo tempo em que professaram sobre o milênio, não questionaram políticas locais; falaram da necessidade da salvação, mas não sobre sua certeza. Ele também ataca diretamente sua relação com a Revolução Americana dizendo que ela é virtualmente não existente, pois mesmo que tenham ajudado os colonos a fazer julgamentos morais sobre a política inglesa do século 18, foram colonos não relacionados aos avivamentos que, de fato, fizeram os julgamentos e tomaram as decisões.³⁶

John M. Murrin propõe uma tentativa de desmontar o Grande Despertar e analisar a Revolução Americana sem tê-lo como antecedente. Nessa análise, ele conclui que mesmo sem o Grande Despertar, a resistência tomaria a mesma forma conhecida, mas “a América de 1800 seria um lugar inimaginavelmente diferente.”³⁷ No período da Revolução, o entusiasmo evangélico já havia decaído e, apesar de se contraporem aos atos da Inglaterra como a Lei do Selo e os Atos de Townshend, os evangélicos não exerceram influência decisiva na reação e durante a crise final por causa da Lei do Chá. A reação ocorreu em cidades portuárias não-evangélicas, sobretudo Boston. Diante das Leis Intoleráveis, o descontentamento colonial foi tamanho que não era preciso contar com os evangélicos para as consequências. Inclusive cidades divididas pelo Grande Despertar foram unidas pela Revolução.³⁸

Durante a Guerra de Independência, os evangélicos tiveram maior importância, especialmente na Pensilvânia, que experimentou uma revolução interna em junho de 1776 em um movimento liderado por presbiterianos que sobrepuseram a elite anglicana e quacker que era contra a independência e controlava a política local.³⁹ Não tiveram muita influência no Exército Continental, visto que ele era composto, em sua maioria, por homens cuja idade e classe social não eram

34 Ibid., 308.

35 LAMBERT, “The First Great Awakening”, 659.

36 BUTLER, “Enthusiasm Described and Decried”, 323-324.

37 MURRIN, John M. “No Awakening, No Revolution? More Counterfactual Speculations” In: *Reviews in American History*, v. 11, n. 2 (junho de 1983), 164.

38 Ibid., 165.

39 Ibid.

compatíveis com o perfil dos convertidos nos avivamentos do século 18.⁴⁰ Entretanto, de acordo com o perfil prevalecente do Grande Despertar, os evangélicos tiveram contribuição significativa na milícia, uma instituição de base familiar e popular, e nas outras revoluções internas dos anos 1770/1780, por meio da intensa ação dos batistas e presbiterianos.

Murrin conclui que o Grande Despertar não criou a Revolução Americana, mas certamente contribuiu para seu sucesso em uma proporção que ainda não sabemos. Sucesso esse que teria inspirado uma nova geração de respeitáveis evangélicos para remodelar o cenário social dos Estados Unidos. Em última breve análise, ele diz que se for para atribuir um evento político e militar ao fervor do avivamento, a melhor escolha seria a Guerra Civil Americana.⁴¹

CONCLUSÃO

O Grande Despertar não foi um evento que estabeleceu os fundamentos da Revolução Americana, mas teve sucesso em reanimar a religião cristã protestante no lado americano do mundo atlântico, permeando a mentalidade norte-americana. Seus efeitos ficam mais evidentes após a independência dos Estados Unidos, como na influência da igreja protestante para a afirmação da Primeira Emenda Constitucional em 1791 com os dispositivos que impediam a oficialização de qualquer igreja e garantiam o direito ao livre exercício da religião.⁴² O engajamento dos pregadores com a Guerra Civil também é notável, pois os pregadores do Norte promoviam a impressão de que o sul era inferior e, em sua maioria, criticavam a escravidão, enquanto os púlpitos do Sul eram usados para defender vigorosamente a escravidão.⁴³ Um último exemplo é o clássico discurso de posse de Abraham Lincoln, “Casa Dividida”, com clara referência às palavras de Jesus em Mateus 12.25.

A Revolução Americana despertou a religião avivada no Grande Despertar para as questões sociais e políticas que não foram abordadas neste primeiro Grande Despertar. Segundo William McLoughlin, avivamentos culturais de renovação religiosa são esporádicos e sempre trazem repercussões sociais, de modo que o primeiro Grande Despertar estabeleceu as bases para outros três ou quatro avivamentos religiosos nos Estados Unidos.⁴⁴ Os Grandes Despertares continuaram a reacender a influência social da religião, sobretudo do Cristianismo Protestante, até a atualidade, em que sua influência decai cada vez mais, mas marcam presença importante nos Estados Unidos, como nos movimentos sociais pelos direitos civis e outros movimentos contemporâneos.

40 Ibid., 167.

41 Ibid., 169.

42 CAIRNS, O cristianismo através dos Séculos, 358 e 361.

43 CHESEBROUGH, David B. “The Civil War and the Use of Sermons as Historical Documents” In: Magazine of History, v. 8, n. 1, The Civil War (outono de 1993), 26-29.

44 WILSON, John F., “Perspectives on the Historiography of Religious Awakenings” In: Sociological Analysis, v. 44, n. 2 (verão de 1983), 118-119.